

Peça de teatro

O círculo dos filósofos desaparecidos*

The circle of disappeared philosophers

Dominique Rousseau¹

Université Paris I – Panthéon-Sorbonne, França
dominique.rousseau@univ-paris1.fr

Resumo

A peça se passa em outubro de 1799, na véspera do golpe de Estado de Bonaparte (7 de novembro de 1799 – 18 de Brumário). Madame de Staël está em sua sala de estar em Coppet, onde trabalha na escrita de seu livro "Considerações sobre a Revolução". Na ocasião, ela convidou Voltaire, Rousseau, Diderot e Condorcet para uma conversa sobre os últimos dez anos. "Por suas ideias e seus escritos", disse ela, "vocês são responsáveis pela Revolução de 1789; dez anos depois, qual é a sua avaliação?" A peça faz parte do teatro cívico, convidando o espectador a questionar a responsabilidade dos intelectuais na vida da cidade. Em relação aos eventos de 1789, mas, também, com alusões aos eventos atuais, de hoje. Um intelectual deve permanecer em seu escritório? Ele deveria sair, falar e tomar uma posição? Como ele deve se posicionar em relação ao poder, seja quem for o detentor? A Madame de Staël instiga os quatro filósofos a responderem a essas perguntas, de modo que suas respostas ecoam o debate atual sobre a responsabilidade dos intelectuais e, em particular, dos juristas na crise da democracia.

Palavras-chaves: Peça de teatro; Revolução Francesa; Responsabilidade dos Intelectuais.

* Peça teatral originalmente apresentada na *Nuit du Droit*, em 03 outubro de 2024, na abertura do ano acadêmico da Escola de Direito da Universidade Paris 1 – Panthéon-Sorbonne. A trupe de intérpretes foi composta pelos seguintes professores da referida Escola de Direito, mediante apoio da Diretora Agnès Roblot-Troizier: Mathilde Heitzmann-Patin, Pascal Beauvais, Théo Ducharme, Thibaud Mulier e Xavier Philippe. Peça traduzida para o português por Anderson Vichinkeski Teixeira.

¹ Professor emérito da Faculdade de Direito da Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne, onde foi vice-diretor e também diretor do Instituto de Ciências Jurídicas e Filosóficas da Sorbonne. Foi membro do Conselho Superior da Magistratura da França de 2002 a 2006. Presidente do Tribunal Constitucional de Andorra de 2018 a 2020. Autor pela Editora Fórum de *Justiça constitucional francesa* (2021) e *Seis Teses para a Democracia Contínua* (2024). Université Paris 1. Institut des Sciences Juridique et Philosophique de la Sorbonne. Campus Port-Royal. Centre Lourcine Bâtiment 1 Suzanne Bastid. 1, rue de la Glacière, 75013, Paris, França.

Abstract

The play takes place in October 1799, on the eve of Bonaparte's coup d'état (7 November 1799 – 18 Brumaire). Madame de Staël is in her living room in Coppet, where she is working on her book "Considerations on the Revolution". On this occasion, she has invited Voltaire, Rousseau, Diderot and Condorcet to a conversation about the past ten years. "By your ideas and your writings," she says, "you are responsible for the Revolution of 1789; ten years later, what is your assessment?" The play is part of civic theatre, inviting the spectator to question the responsibility of intellectuals in the life of the city. It concerns the events of 1789, but also alludes to current events, today. Should an intellectual stay in his office? Should he go out, speak out and take a stand? How should he position himself in relation to power, whoever holds it? Madame de Staël prompts the four philosophers to answer these questions, so that their answers echo the current debate on the responsibility of intellectuals and, in particular, of jurists in the crisis of democracy.

Keywords: Theater play; French Revolution; Responsibility of Intellectuals.

Prólogo

Madame de Staël está sentada à sua mesa com livros ao seu redor. Ela escreve. Ela se levanta para ir pegar um livro na biblioteca. Ela abre, procura uma página, encontra-a e escreve o que encontrou.

No meio da sala, uma mesa baixa com jornais e livros, e ao redor dela cinco poltronas. Voltaire entra.

Ato 1

Germaine de Staël: Ah! Voltaire! Meu amigo, meu querido amigo, você é o primeiro.

Voltaire: O primeiro? Mas por que o primeiro, cara Baronesa?

Germaine de Staël: Por favor, nenhuma baronesa aqui: me chame de Germaine.

Voltaire: Germaine? Chamar a filha de Necker de "Germaine", a filha deste grande ministro das finanças de Luís XVI? (*silêncio*) Impossível?!

Germaine de Staël: Posso ser filha de Necker, mas me tornei... (*silêncio*) eu, uma mulher! E uma mulher que não pode ser reduzida ao nome do pai. Se adotei e conservei o nome do meu primeiro marido, Barão de Staël, é também por essa razão. E então, hoje, meu querido

Voltaire, nem filha de Necker nem esposa do Barão de Staël; "Germaine." Muito simplesmente. Por favor, Voltaire, me chame de "Germaine"!

Voltaire: Mas a questão permanece, querida ba... querida Germaine... Por que você diz que eu sou o primeiro? Então não estaremos sozinhos? Eu que imaginei que você queria me ver, me ver. Ver o Voltaire que te fez pular de joelhos quando sua mãe estava na corte em Paris! E quem são os outros? Quem são os...segundos...já que eu sou o primeiro?!

Germaine de Staël: Vamos, vamos, meu caro Voltaire, nada de ciúmes infundados! Você sabe muito bem que eu te admiro. E claro, não me esqueci da sala de estar da minha mãe. Eu tinha dez anos, onze talvez e ouvia, maravilhada, os seus convidados refazendo o mundo; ouvi você criticando a religião, mas também ouvi Buffon que falava sobre pássaros, Diderot que contava histórias lindas e especialmente Rousseau que...

Voltaire: O quê, "especialmente Rousseau"! Este sonhador? Este queixoso? Este selvagem?

Germaine de Staël: Voltaire, Voltaire... Por favor... Não tenha ciúmes! Sim, eu amo Rousseau, amo sua sensibilidade..., amo a espontaneidade de seu coração..., mas eu te amo do mesmo jeito, caro Voltaire, amo sua fé na Razão..., amo sua inteligência sempre em ação. E por que, diga-me, não seria possível amar Rousseau e Voltaire ao mesmo tempo? Por que estou orando para você?

Voltaire: Por quê? Para que? (*silêncio*) Mas porque eu gosto da sociedade e ele não. Porque eu gosto de prazeres, de luxo, de risos e ele não gosta de nada disso, de nada que compõe a vida. Você não pode amar alguém que ama os homens e alguém que foge deles ao mesmo tempo. Amar Voltaire e Rousseau ao mesmo tempo não faz sentido.

Eu sei bem que você vem tentando nos unir há muito tempo. Mas finalmente, querida Germaine: ou você pensa com Rousseau que é a sociedade que corrompe o homem e que ele deve retornar ao estado de natureza; ou você pensa, como eu, que a sociedade tira o homem do estado de natureza e o eleva através do exercício da Razão e das Artes!

Ao mesmo tempo! Ao mesmo tempo! Adoro Rousseau e Voltaire ao mesmo tempo! Mas o seu "ao mesmo tempo" não faz sentido!

Germaine de Staël: Você terá que se acostumar, meu caro Voltaire, porque Rousseau também é meu convidado esta noite.

Voltaire: Rousseau? Seu convidado? Rousseau, aqui esta noite? Ao mesmo tempo que eu?

Germaine de Staël: Sim, meu querido: ao mesmo tempo que você!

Voltaire: Um duelo? É isso? Um duelo para sua diversão. Ou para sair na primeira página dos jornais: "O debate do século: Madame de Staël reuniu Rousseau e Voltaire na sua sala de estar".

Germaine de Staël: Mas não. Sem duelo. Não cara a cara. Você não estará sozinho!

Voltaire: Ah! Porque além de Rousseau, você convidou outras pessoas?

Germaine de Staël: Com certeza. Diderot e Condorcet. Você os conhece bem e eles são seus amigos, não é?

Voltaire: Mas, querida Baronesa...

Germaine de Staël: Germaine, por favor!

Voltaire: Mas, cara amiga, seu encontro é a reconstituição de uma liga dissolvida!

É... o círculo dos filósofos desaparecidos! É... *(Diderot e Condorcet entram)*

Ah! Diderot meu amigo! Condorcet! Que prazer ver você. Ver você novamente depois de todo esse tempo. Quanto tempo faz?

(Diderot e Condorcet cumprimentam Madame de Staël)

Germaine de Staël: Ótimo! Não fique de pé. Sentem-se. *(Diderot, Voltaire e Condorcet sentam-se; Madame de Staël sai)* Diderot *(apontando para um assento vazio)*: estamos esperando outro convidado?

Voltaire: Sim! Rousseau!! Imaginem que Madame de Staël... Ah sim, esqueci de lhes contar que ela pediu para ser chamada de "Germaine"... Imaginem que Germaine convidou Rousseau! Rousseau!

(Madame de Staël retorna com Rousseau. Diderot e Condorcet se levantam para cumprimentar Rousseau. Voltaire permanece sentado. Rousseau permanece de pé.)

Voltaire: Como Rousseau veio de Genebra? A pé? De quatro patas?

Rousseau: Mas por que você diz "ele", "como ele veio de Genebra"? Por que você diz "ele" quando fala de mim? Estou aqui, na sua frente. Machucaria sua boca dizer meu nome?

(Voltaire, envergonhado, age como se não tivesse ouvido.)

Germaine: Sim, Voltaire? Por que você diz "ele" quando fala de Rousseau? Está bem ali na sua frente. Você pode dizer: "Então, Rousseau, como você chegou aqui?" Ou ainda "então Jean-Jacques, como você chegou aqui?". Sim, Voltaire, por que você disse "ele"?

Voltaire: Eu disse "ele"... Eu disse "ele"? Eu não sei... Eu só disse "ele" assim.

Rousseau: Não, não, não, Voltaire, você não disse "ele" desse jeito. Você disse "ele" porque nunca me reconheceu, porque eu não existo para você, porque eu não tenho identidade, porque você gostaria, você gostaria de ter podido me apagar da história, fazer com que meu nome fosse esquecido. Mas aí está, Voltaire, eu estou aqui, eu existo e, quer você goste ou não, meu nome é tão importante quanto o seu. Talvez ainda mais porque, como disse Goethe, você representa o mundo que está acabando, e eu, Rousseau, o mundo que está começando.

(Voltaire se levanta, Rousseau também, eles ficam frente a frente e se agarram pelo colarinho.)

Germaine de Staël *(levanta-se e vai em direção aos dois)*: Voltaire! Rousseau! Por favor, sente-se!

Condorcet *(levanta-se também)*: Voltaire! Rousseau! Chega dessas infantilidades! Que vocês não se dão bem, todo mundo sabe. Mas não estamos aqui, suponho, para testemunhar mais uma controvérsia entre vocês dois. Isso é ridículo!

Prezada Baronesa...

Germaine de Staël: Germaine.

Condorcet: ... Por que estamos aqui esta noite em sua sala de estar? Por que você convidou os quatro filósofos que somos?

Voltaire: Ah, e quem é o quarto?

Diderot: Chega de Voltaire! "Sim, minha querida Germaine, por que você convidou nós quatro?" É sempre um prazer ser recebido em Coppet, mas por que hoje, nós quatro? E os quatro juntos? Você corre riscos! Devemos ser informados sobre o motivo dessa reunião surpreendente.

Germaine de Staël: Ótimo. Vamos sentar, por favor. Vamos sentar. Calmamente.

(Todos retornam aos seus lugares, mas Voltaire empurra Condorcet para o lado para tomar seu lugar próximo de Madame de Staël, enquanto Condorcet se vê diante de Rousseau.)

Germaine de Staël *(divertida)*: Voltaire, você é definitivamente uma criança. Uma criança terrível! E só porque você está fisicamente perto de mim não significa que você esteja mais perto do meu coração do que Rousseau, Diderot ou Condorcet. Eu amo vocês quatro, pelo que escreveram, pelo que fizeram, pelo que ousaram, e é por isso que os convidei.

Condorcet: Você precisa nos contar mais, cara Baronesa...

Germaine de Staël: Germaine, por favor...

Condorcet: Porque Voltaire, Rousseau, Diderot e eu na sua sala de estar, no Coppet, isso é um pouco como... uma conspiração em preparação! É um pouco como se "a gangue dos quatro estivesse planejando um golpe"! É um pouco...

Rousseau: O círculo dos filósofos desaparecidos!

Germaine de Staël: Bem, isso é engraçado, muito engraçado mesmo! (*Germaine de Staël se vira para Voltaire, que faz uma careta*) Voltaire tinha a mesma fórmula antes de você chegar. Como o que! Mas nada de fantasias, caros amigos. Convidei vocês quatro...por mim!

Como vocês provavelmente sabem, me comprometi a escrever um ensaio sobre a Revolução. Ele está aqui. Na minha mesa. Ainda não tenho o título final:

"Observações sobre a Revolução", "Estudos sobre a Revolução", "Considerações sobre a Revolução"... Mas é uma reflexão sobre este grande momento político que vivemos em 1789. E já que estamos dez anos depois, gostaria de ouvir de vocês sobre esses dez anos, sobre a situação da França em 1799. Qual é a avaliação de vocês? Como vocês analisam esses últimos dez anos? Porque muitas coisas aconteceram: há dez anos, a Bastilha foi tomada, privilégios foram abolidos, os direitos naturais do homem foram declarados ao mundo inteiro e a primeira constituição foi escrita (*silêncio*)... E depois eles guilhotinaram à esquerda, à direita e ao centro: Luís XVI, Maria Antonieta, Desmoulins, Danton, Saint-Just, Robespierre, para citar apenas os mais famosos. E se eu queria convidá-los para este décimo aniversário, é porque, para todos, tudo isso... É obra de vocês. São vocês que, através de seus escritos, colocam as ideias de liberdade e igualdade na cabeça das pessoas. Vocês são quem espalha conhecimento para combater os preconceitos e a religião? Isso é vocês....

Rousseau: Sim, sim, conhecemos a música: "Eu caí no chão, a culpa é de Voltaire, meu nariz na sarjeta, a culpa é de Rousseau." A Revolução somos nós! A Revolução é culpa dos filósofos! A Revolução é culpa do Iluminismo! Mas não podemos esquecer as causas econômicas, as causas sociais: fome em todo o país, desigualdades, privilégios para poucos, impostos e corveias para a maioria...

Germaine de Staël: Sim, claro, mas através dos seus escritos vocês tornaram essas desigualdades visíveis. Injustificáveis. Insuportáveis. E vocês trouxeram aos corações das pessoas pobres as ideias de igualdade, de liberdade, e essas ideias se tornaram forças, forças materiais.

Rousseau: Forças "espirituais", você quer dizer?

Germaine: Não, não, forças materiais. Forças atuantes. E isso é vocês! (*silêncio*) O povo se apoderou de suas ideias e fez delas uma força. Uma força para derrubar a Bastilha. Uma força para abolir privilégios.

(*mudança de tom*) Uma força mesmo para cortar a cabeça de Luís XVI.

Ato 2

Condorcet (*raiva fria, desespero*): Cortem a cabeça do Rei! Guilhotina para Luís XVI! Que erro! Você fala sobre a força das ideias, mas a pena de morte não é a força de uma ideia, (*silêncio*) é a força pura e simples. Força bruta. Separada da Razão, separada da inteligência. Um drama, uma tragédia para a ideia da Revolução!

Germaine de Staël: "O primeiro crime da Revolução", disse mesmo Chateaubriand. É por isso que você, Condorcet, votou contra a morte do Rei. Mas você Diderot, se bem me lembro, não disse nada contra a morte de Luís XVI?

Diderot: De fato.

Germaine de Staël: E, no entanto, você foi um daqueles que, com Voltaire, com D'Alembert, tornaram os escritos de Beccaria conhecidos na França. Beccaria, um defensor da abolição da pena de morte. Então por que nada foi dito em 1793?

Diderot: Bem, imagine, minha querida, Beccaria não é um defensor absoluto da abolição da pena de morte. Sua hostilidade à pena de morte é menos ditada por considerações morais ou humanistas do que por argumentos pragmáticos: ela é cruel, diz ele, mas acima de tudo é ineficaz.

Germaine de Staël (*procura o livro de Beccaria na mesa e o abre*): Em suas notas sobre o seu Tratado, você sublinhou em vermelho esta frase de Beccaria: "Não é a severidade da punição que produz o maior efeito na mente dos homens, mas sua duração."

Diderot: Sim, e é por isso que ele propôs trabalho forçado perpétuo como alternativa à pena de morte... porque ele admitiu ser uma punição ainda mais cruel do que a pena de morte.

Condorcet: Esta é a pena pela qual votei: a condenação do Rei às galés pelo resto da vida. Por que você não defendeu essa proposta? Isso estava de acordo com o pensamento de Beccaria!

Diderot: Exceto, meu caro Condorcet, que o próprio Beccaria admite duas exceções à abolição da pena de morte. E em particular uma... que correspondia inteiramente à situação de Luís XVI em 92 (*silêncio*). O que Beccaria diz? A morte pode ser considerada útil – entenda o adjetivo "útil". A morte pode ser considerada útil, se a pessoa privada de liberdade ainda tiver conexões e poder tais que essa pessoa seja uma ameaça à segurança da nação; e, acrescenta Beccaria, "se sua existência pode produzir uma revolução perigosa na forma de governo estabelecido".

Condorcet: E para você, Luís XVI era, portanto, no final de 1792, uma ameaça à Revolução? No entanto, ele foi suspenso de suas funções constitucionais em 10 de agosto, (*silêncio*) preso no mesmo dia, a República foi proclamada em 21 de setembro! Então? Uma ameaça, sério? Este pobre Luís XVI cuja fraqueza todos adoravam zombar? Suavidade? Timidez?

Diderot: Preso sim, mas vivo!

Rousseau: Vivo e conspirador!

Voltaire (*ar travesso*): Continua você com sua obsessão por conspiração. Você vê conspiradores em todos os lugares.

Diderot: Não, mas aí Rousseau está certo. Luís XVI estava conspirando! Ele não aceitou sinceramente a constituição de 1791. Ele fingiu e, nos bastidores, agiu para que as monarquias europeias – o Imperador da Áustria, a Imperatriz da Rússia, o Rei da Suécia, o Eleitorado de Tréveris ... – para que essas monarquias amigáveis viessem e restabelecessem na França a Monarquia ameaçada. Caso contrário, ele lhes disse: "a revolução vencerá seus Estados". Ele não desistiu. Lembrem dos documentos encontrados no famoso armário de ferro...

Germaine de Staël: Ah sim! Falo sobre isso no meu Estudo deste cofre escondido na parede do apartamento de Luís XVI. Continha toda a sua correspondência pessoal com seus ministros, com agentes estrangeiros e até mesmo com atores da Revolução, como Mirabeau...

Diderot: Bem, neste gabinete de ferro, descobrimos que o rei estava perseguindo uma política paralela de corrupção, de compra de votos, de apoio a exércitos inimigos e relações com soberanos europeus. Sua estratégia política era clara: quebrar a Revolução! E, para fazer isso, convencer as monarquias europeias a declarar guerra à França revolucionária de modo a restaurar a monarquia.

Então sim, em 1792, meu caro Condorcet, Luís XVI ainda era uma ameaça à Revolução. Porque o "novo mundo" ainda não estava garantido. (*silêncio*) Porque o antigo sempre esteve lá, pronto para voltar (*silêncio*). Suprimir o Rei, suprimir o Rei... era remover a pessoa que representava este velho mundo. Era para deixar claro para os emigrantes, os monarcas estrangeiros e os monarquistas franceses que qualquer retorno era impossível, que Luís XVI não poderia ser restaurado ao trono.

Rousseau: Sim, Germaine, Diderot está certo. Luís XVI era uma ameaça à Revolução. Mantê-lo preso ou mesmo mandá-lo para as galés não teria sido suficiente para afastar essa ameaça. Ele teria permanecido vivo. E esse simples fato, sua simples existência como prisioneiro, poderia ter levado seus apoiadores a ter esperança, a se reunir, a fazer dele o líder da oposição à Revolução, a exigir sua libertação, a...

Diderot: (*interrompe*) Devemos lembrar que, em 21 de janeiro, o Barão de Batz, que já havia organizado a fuga do Rei, tentou interceptar a carruagem que levava Luís XVI da prisão para o cadafalso. A operação falhou... Mas estava claro que Luís XVI continuava sendo uma ameaça. Se a fuga tivesse tido sucesso, se o Rei tivesse se refugiado no exterior, ele se tornaria um recurso para uma possível Restauração.

Germaine de Staël: E você, Rousseau? Também concorda com a morte do Rei?

Rousseau: Sim, eu também me posicionei a favor da morte de Luís XVI. Ele era um traidor. Aparentemente, ele havia se submetido ao novo curso das coisas; ele chegou a colocar o cocar azul, branco e vermelho em seu chapéu; ele havia feito um juramento à constituição; porém, na realidade, ele estava trabalhando para destruí-la. E como ele não queria se submeter, precisava ser demitido. E definitivamente.

Minha posição, querida Germaine, não surpreendeu ninguém. Eu havia declarado isso claramente no *Contrato Social*, esse livro importante que anunciou os tempos modernos, onde eu disse...

Voltaire: Importante! Importante! Mas que pretensão!

Rousseau: Onde eu disse (*Rousseau lê as páginas de seu livro*) que “qualquer malfeitor que ataque a lei social torna-se, por seus crimes, um rebelde e traidor da pátria, deixa de ser membro dela ao violar seus direitos e até mesmo faz guerra contra ela. Portanto, a preservação do Estado é incompatível com a sua conduta, um dos dois deve perecer...”. Em 1792, a França estava lá. A preservação de 1789 era incompatível com a preservação de Luís XVI. Para que a Revolução não percesse, o Rei tinha que perecer... (*tom solene e definitivo*)

Germaine de Staël: Bela fórmula! (*pérfido*) O que você diz, Voltaire? O Rei realmente teve que morrer para salvar a Revolução?

Voltaire: Uma frase bonita talvez, mas eu, Voltaire, tenho meus combates, minhas batalhas que falam por mim. A defesa de Callas, Callas, o protestante acusado de ter estrangulado seu filho porque ele queria se converter ao catolicismo, condenado à morte, executado e cuja reabilitação obtive em 1765! Minha luta por Lally-Tollendal, o Chevalier de la Barre acusado de blasfêmia, condenado à morte, queimado vivo, a quem defendi e que será reabilitado! Sim, Rousseau, minhas lutas falam por mim. Sou contra a pena de morte.

Rousseau: Mas aí, Voltaire, você está falando de pessoas que eram inocentes! O próprio Luís XVI não era inocente! E você fala sobre erros judiciais: Callas e De la Barre foram vítimas de erros judiciais. Luís XVI teve um julgamento, ele foi capaz de...

Voltaire: Um processo! Porque vocês chamam isso de julgamento! Você ousa chamar "julgamento" o que ocorreu na Assembleia Legislativa de 3 de dezembro de 1792 a 20 de

janeiro de 1793! Uma paródia de um julgamento! Julgamento político, sim, não um julgamento segundo as regras da arte! No final das contas, foi Robespierre quem estava certo quando...

Rousseau: Você, Voltaire, robespierrista! Já vimos de tudo!

Voltaire: Mas, meu caro Rousseau...

Germaine de Staël: Ótimo! Ótimo! As coisas estão melhores entre vocês dois!

Voltaire: Você está esquecendo o belíssimo discurso de Robespierre contra a pena de morte, proferido na tribuna da Assembleia em 31 de maio de 1791, e sua conclusão: "Um vencedor que mata seus inimigos cativos é chamado de bárbaro!"

Você ouve Rousseau: "um vencedor que mata seus inimigos cativos é chamado de bárbaro". Foi o que Robespierre disse na tribuna da Assembleia em 31 de maio de 1791.

Condorcet: Um discurso realmente muito bonito. O que causou uma forte impressão na época. Mas dois anos depois, ele e seus amigos jacobinos exigiram e votaram pela morte de Luís XVI!

Voltaire: Sim, mas não é contraditório porque, para Robespierre, essa condenação não foi uma decisão da justiça, não foi uma sentença pronunciada por um tribunal, não foi a conclusão de um julgamento. Robespierre era contra a pena de morte pronunciada por juízes, por um Tribunal. Mas não se tratava de um julgamento perante um tribunal, não se tratava de produzir um ato de justiça, mas sim de realizar um ato político.

Condorcet: De certa forma, você está certo. Robespierre não queria um julgamento. Ele diz isso claramente em seu discurso à Assembleia em 13 de novembro... ou 3 de dezembro de 92 (*Condorcet vai procurar uma coletânea de discursos e lê*): "Não há julgamento a ser realizado aqui, Luís não é um acusado, vocês não são juízes; vocês são, vocês só podem ser estadistas e representantes da Nação. Vocês não têm uma sentença a proferir a favor ou contra um homem, mas uma medida de segurança pública a tomar, um ato de Providência nacional a exercer. A vitória da revolução e o povo decidiram que ele era o único rebelde. Luís não pode, portanto, ser julgado, ele já está condenado."

Voltaire: Sim! Realizar um julgamento significaria, portanto, que poderia haver dúvidas sobre a culpa de Luís XVI, que...

Condorcet: Pior! Se me permite dizer... Se houvesse julgamento, isso implicaria partir do princípio da presunção de inocência, princípio que acabara de ser reconhecido no artigo 9º da Declaração de 1789...

Germaine de Staël: Que o Rei havia assinado...

Condorcet: Sim, de fato! Um julgamento significava que Luís XVI era presumido inocente... Significava fornecer provas de sua culpa, significava investigar o caso, debater de forma adversarial a existência de falhas, sua gravidade e talvez até mesmo (*silêncio*), no final do julgamento, reconhecer circunstâncias atenuantes e até mesmo absolver o rei... ou condená-lo a uma pena de prisão com suspensão da execução.

Germaine de Staël: E Robespierre não queria isso. Houve um julgamento, no entanto.

Condorcet: Enfim, Germaine... um simulacro de julgamento! Voltaire está certo. Políticos como juízes. Advogados nomeados após o início do julgamento... aos quais a Assembleia deu apenas quatro dias para preparar a defesa do Rei. Um apelo foi feito em 26 de dezembro de 1792 e Luís XVI foi levado de volta para a prisão na mesma noite. Mas o debate continuou na Assembleia. Sem ele. Um debate político sobre a monarquia, sobre a revolução, mas não um debate jurídico.

Germaine de Staël: E assim a votação de 20 de janeiro de 1793 (*tom fatalista*): de 721 votantes, 361 pela morte de Luís XVI, 334 pela pena de prisão. A morte do rei foi decidida por 27 votos. E a execução no dia seguinte, 21 de janeiro. Às 10h22, na Place de la Révolution, a guilhotina corta a cabeça do Rei (*tom profundo*).

Sabem, eu escrevi sobre essa execução de Luís XVI, Chateaubriand está certo, foi um crime. Este homem, de quem todos zombavam pela sua fraqueza e pela sua timidez, mostrou-se capaz da mais espantosa das resoluções neste mês de janeiro de 1793, a de sofrer e morrer (*pausa*). Eu escrevi e mantenho até hoje, sete anos depois... (*tom de recolhimento*)

Bem, mas vocês, Diderot e Rousseau, que se posicionaram a favor da morte, o que pensam sete anos depois? O que você pensa (*silêncio*) em retrospectiva?

(*Silêncio*)

Ato 3

Germaine de Staël: Bem?! Rousseau! Diderot! Mas você também, Voltaire! Condorcet! Por que esse silêncio? Por que você não diz nada? Você estava falando agora mesmo! Você falou facilmente quando se tratou de explicar sua posição em 1792. E agora, quando pergunto o que você pensa da morte de Luís XVI sete anos depois, quando pergunto o que você pensa disso em retrospectiva, nada (*silêncio*), ninguém mais quer falar?!

(*Silêncio. Todos se olham*)

Germaine de Staël: Ótimo! Jean-Jacques, você, homem sensível, pensando bem, você...

Rousseau: Em retrospectiva! Olhando para trás! Mas o que você quer dizer com "em retrospectiva"? Ou o que você quer que digamos "em retrospectiva"?

Que eu e Diderot...

Voltaire: ...dizemos "Diderot e eu"!

Rousseau: Nós cometemos um erro?! Que nos arrependemos?!

Germaine de Staël: Mas Jean-Jacques! Não quero que você diga nada! Minha pergunta é banal. Muito banal mesmo. Básico como dizem hoje em dia. Aqui somos todos filósofos! Pessoas que pensam (*silêncio*). Suponho que isso aconteça com vocês, em todo caso, acontece comigo, de se questionar, de vez em quando, sobre suas ideias, sobre seus escritos. Suponho que, pelo menos de vez em quando, e no fundo do seu coração, vocês devam se perguntar: "Olha, pensando bem, eu estava certo em tomar esta ou aquela decisão, eu estava certo em pedir o voto desta ou daquela pessoa?" Pronto, não é mais complicado e não tem pegadinha!

Diderot: Só que a armadilha, querida Germaine, está justamente em "olhar para trás"! O que quer dizer "em retrospectiva"?

Germaine de Staël: "Em retrospectiva", isso significa que, desde a decapitação de Luís XVI, houve a de Maria Antonieta nove meses depois....

Condorcet: Sim... aí... Maria Antonieta, uma mulher, sério, foi uma bobagem! E o julgamento foi ainda mais fracassado que o do marido: dois dias de audiências, seus dois advogados presos no final de suas alegações e dois minutos para decidir sobre sua sentença de morte!

Diderot: De acordo. Maria Antonieta era uma mulher, mas ela era pelo menos tão culpada quanto o rei em suas intrigas para defender a monarquia contra a Revolução. Intrigas com Mirabeau, por exemplo. Intrigas com monarquias europeias para restaurar Luís XVI ao trono. Intrigas com...

Condorcet: Intrigas talvez, mas depois da morte do rei ela era acima de tudo uma mulher solitária, uma mulher abandonada até mesmo por seus pais austríacos.

Germaine de Staël: Parem! Parem! Pronto, vou pará-los, senhores! A morte da Rainha é uma vergonha, um crime, uma infâmia...

Diderot: Mas, finalmente, querida Germaine, ela estava fazendo intrigas contra a Revolução, e não ignorem isso!

Germaine de Staël: Mas meu objetivo não é defender a Rainha como um especialista jurídico! Meu objetivo é olhar para a mulher, a mãe, a viúva. Porque depois da morte do marido, ela sofreu todos os tormentos da barbárie humana. Seu filho foi tirado dela e acusado de atos incestuosos, ela foi privada de comida, ela foi forçada, no dia anterior à sua execução, a

reconhecer o corpo torturado de sua melhor amiga. Vocês entendem que "no dia anterior à sua execução ela foi forçada a reconhecer o corpo torturado de sua melhor amiga?" (*comovida*)... Eu, Germaine de Staël, já disse e repito: todas as mulheres de todas as classes da sociedade podem ser tocadas pelo destino de Maria Antonieta, desta mulher que soube mostrar no momento mais terrível para ela as virtudes femininas da ternura, do cuidado com seus filhos e do heroísmo natural.

(*Silêncio constrangedor dos quatro filósofos*)

Você não diz nada! Vocês estão tocados? Seu machismo está exposto! Todas as mulheres concordam e sempre concordarão comigo, pois todas nós já passamos por essas situações!

Diderot: Com licença, mas...

Germaine de Staël: Mas o que, querido Diderot?

Diderot: Mas se o que você diz sobre o último ano de vida da Rainha é verdade...

Germaine de Staël: Mas é totalmente verdade!

Diderot: Mas eu não discuto isso! Eu só quero fazer uma pergunta: isso absolve todos os crimes, todos os crimes que Maria Antonieta cometeu antes de 1789 e durante a Revolução? Ela era, sem dúvida, uma "mãe corajosa" em 1793, mas era uma "mãe culpada" antes! Lembre-se de que ela era chamada, e nem sempre erroneamente, de Madame Déficit e Madame Veto!

Germaine de Staël: Mas eu lhe digo: não estou defendendo a Rainha, estou defendendo a mulher! A mulher! O título do meu livro é claro, certo? (*ela mostra seu livro*) "Reflexões sobre o Julgamento da Rainha por uma Mulher." Você entende, Diderot: "por uma mulher"!

(*Silêncio*)

Voltaire: Sim, enfim, cara Baronesa, o fato de ser mulher não absolve tudo...

Germaine de Staël: Voltaire, meu caro Voltaire, você me decepcionou muito! Emancipação das mulheres, sua liberdade, a luta hoje! A Revolução não estará completa até que as mulheres sejam reconhecidas como cidadãs. Condorcet sabe disso muito bem, e você, Voltaire, deve fazer parte dessa luta! (*silêncio pesado*)

Bom, voltando ao meu ponto! Em retrospectiva (*todos fazem caretas*), sim, mesmo que isso incomode, eu afirmo, "em retrospectiva", portanto, a condenação à morte do Rei, do ponto de vista da Revolução, não é pelo menos um erro? Porque depois dele vieram Maria Antonieta, Barnave, Danton, Desmoulins, Robespierre, Saint-Just...

Voltaire: Sim, uma verdadeira hecatombe. Luís XVI nunca deveria ter sido decapitado!

Germaine de Staël: Ah! Por quê? Que conexão você faz entre a decapitação do rei e, como você diz, a hecatombe que se seguiu? Que conexão você faz?

Voltaire: Dissemos antes que manter Luís XVI vivo era um risco para a Revolução. Que manter Luís XVI vivo era manter vivo alguém que poderia se tornar um perigo para a Revolução. Alguém que poderia se tornar o líder da oposição - acho que você, Rousseau, disse isso e concordo com você.

(Eles se voltam para olhar os outros, surpresos, que olham para Rousseau, imaginando como ele reagirá)

Voltaire: Parece que vocês se surpreendem ao ver que concordo com Rousseau! Mas concordo com ele sempre que seus argumentos me servem! Lógico, não?

Condorcet: Cínico, antes de tudo!

Voltaire: Lógico, cínico, como você quiser! Em qualquer caso, sim, Luís XVI vivo, mesmo na prisão, poderia ser uma ameaça à Revolução. Um possível recurso caso as coisas dessem errado. E, minha cara Germaine, é com esse “se as coisas dessem errado” que eu faço a conexão.

Germaine de Staël: Como assim? Qual ligação? Como manter Luís XVI vivo poderia ter evitado... como você diz? A hecatombe?

Voltaire: Bem, para evitar que a ameaça se concretizasse, para impedir que o Rei retornasse ao jogo político, para impedir que ele se tornasse verdadeiramente um recurso, os revolucionários — Danton, Robespierre, Saint-Just, Desmoulins e todos os outros — teriam sido obrigados a chegar a um acordo. Eles teriam sido forçados a fazer concessões para construir um regime político estável. Um regime que teria removido qualquer espaço para o retorno do Rei!

Germaine de Staël: Em suma, seu slogan, Voltaire, é “Cuidado, o Rei está voltando!” Um slogan que você acha que teria forçado os revolucionários a chegarem a um acordo em vez de se matarem?

Voltaire: Sim. Sem a ameaça do retorno do Rei, os revolucionários foram ao máximo. Ou além, até terem suas cabeças cortadas (*pouffe*) e hoje não sobrou ninguém!

Germaine de Staël: Rousseau, Diderot, o que vocês acham? Vocês concordam com essa análise bastante política do nosso amigo Voltaire?

Rousseau: Todo Voltaire está lá. Neste jogo com as situações: capaz de criticar a religião, mas capaz ao mesmo tempo de encorajar todos a acreditarem nela para garantir a paz social. Além disso, mais que paz social, a sua paz, Voltaire!

Então, para salvar a Revolução, seria necessário manter vivo aquele que queria destruí-la? Luís XVI, escudo da Revolução? Luís XVI, garantidor do sucesso da Revolução, garantidor da boa conduta dos revolucionários?

Diderot: Devo admitir, meu caro Rousseau, que a análise de Voltaire é sutil e...

Rousseau: Sutil talvez, mas um pouco fácil "em retrospectiva", como diz a Baronesa!

Germaine de Staël: Germaine!!!! Por que "fácil"?

Rousseau: Mas, quando "em retrospectiva", podemos dizer qualquer coisa? O que teria acontecido se o que aconteceu não tivesse acontecido?

Germaine de Staël: Você pode repetir isso?

Rousseau (*lentamente*): Sim, o que teria acontecido se o que aconteceu não tivesse acontecido?

Germaine de Staël: O que isso significa?

Rousseau: Isso significa que imaginamos, que nos divertimos refazendo a História com H maiúsculo. Eu poderia facilmente dizer que se o Rei não tivesse sido decapitado, mas enviado para a prisão, ele poderia ter escapado graças a cúmplices bem pagos. Ou que se ele tivesse sido enviado para as galés, ele poderia ter tomado um barco, desembarcado em Vendée, mobilizado seus apoiadores e retornado por estrada para Paris para ser restaurado ao trono! E hoje chamaríamos essa estrada de estrada Luís XVI!

Germaine de Staël: Mas aí está você reescrevendo a história!

Rousseau: Assim como Voltaire. Nós dois imaginamos o que teria acontecido se Luís XVI não tivesse sido guilhotinado. Mas cada um de nós tira conclusões diferentes disso. Você, Voltaire, acha que isso teria evitado o massacre que se seguiu. Que isso teria encorajado o entendimento entre os revolucionários para impedir seu retorno. Eu, Rousseau, imagino que isso teria encorajado as intrigas para organizar seu retorno. Que alguns, inclusive entre os revolucionários, pudessem ter lançado um apelo, um apelo ao Rei... Lembrem-se das manobras, das ações de certos revolucionários para manter a monarquia! Uma monarquia constitucional, sem dúvida; mas sempre uma monarquia! Não estou dizendo que tenho razão...

Voltaire: Ah! Finalmente uma palavra bonita!

Rousseau: Mas você, Voltaire, chega! A história não é feita com "ses". "Se"... se"... Se Luís XVI não tivesse demitido Maupeou em 74, se não tivesse abandonado Brienne em 87, se Luís XVI tivesse se apresentado com suas vestes reais em Varennes, não teria sido preso, o povo teria caído de joelhos diante de Sua Majestade! É o que ainda ouvimos hoje! Mas o que sabem aqueles que dizem isso? "Em retrospectiva" e com "ses", podemos fazer todas as reconstruções que quisermos. E sem risco. Mas não fazemos história "em retrospectiva".

Germaine de Staël: O que você quer dizer com não fazemos história "em retrospectiva"?

Rousseau: Nós fazemos história no presente, Germaine. Fazemos história em um contexto. E com risco. O risco dos acontecimentos, o risco das relações de poder, das situações. Em 93, era impossível não condenar Luís XVI à morte. Hoje é fácil dizer que isso não deveria ter sido feito. Mas, na situação política de 1793, não poderíamos fazer de outra forma. É isso!

Condorcet: Não concordo com você, meu caro Jean-Jacques. Sempre podemos fazer as coisas de forma diferente! E não se colocando na posição fácil de quem fala "em retrospectiva", mas se colocando na situação do momento. Ou seja, na situação crítica, na situação confusa, na situação incerta de 92/93. Mesmo nessas situações, eu diria que especialmente nessas situações, não existe apenas uma boa decisão, não existe apenas uma decisão certa...

Rousseau: Mas não estou dizendo que a sentença de morte de Luís XVI foi uma decisão boa ou justa; estou apenas dizendo que era a única possível, a única relevante na época em que foi tomada!

Condorcet: Mas relevante em relação a quê, Jean-Jacques? Quem é sua referência? Qual é o seu critério? Qual é o princípio que permite dizer que uma determinada decisão é relevante no momento em que é tomada? Qual é a referência, qual é o princípio que nos permite dizer que outra decisão tomada naquele momento não teria sido relevante? Diga-me, Jean-Jacques? Diga-me?

Rousseau: Bem, por exemplo, o princípio enunciado por Saint-Just ou por Robespierre: "Ninguém pode reinar inocentemente"! Quem governa é necessariamente responsável, responsável. E culpado. Foi referindo-se a esse princípio que Luís XVI teve que morrer!

Condorcet (*irritado*): Mas isso não é um princípio! Não se pode chamar isso de princípio! Isto não é um princípio! Isto é um chamado ao assassinato! Simplesmente isso! Um chamado ao assassinato! Um simples chamado ao assassinato transcendido por uma linda fórmula! Uma fórmula como essa coloca um homem em boa posição, impressiona em uma reunião (*os outros ficam surpresos*), inflama a multidão, mas continua sendo um chamado ao assassinato. Continua sendo uma presunção irrefutável de culpa para todos aqueles que exercem o poder. Se eu fosse cínico, caro Jean-Jacques, diria que foi com base nessa "bela" fórmula que Saint-

Just, Robespierre e seus amigos foram guilhotinados em 94: eles reinaram sobre a Convenção por um ano, então ela não poderia ter sido "inocentemente", e por isso foram guilhotinados! Esta é a realidade do seu "princípio", meu caro Jean-Jacques!

Germaine de Staël: Mas então, para você, Condorcet, que princípio poderia ter servido de referência para decidir o destino de Luís XVI?

Condorcet: Querida Germaine, a Liberdade, a Liberdade!

Rousseau: A Liberdade?

Condorcet: Sim, a Liberdade. Liberdade. Porque, finalmente, Voltaire, Diderot, Rousseau, a Liberdade é de fato esse princípio que nos uniu, nós, os enciclopedistas, nós que somos chamados de "filósofos do Iluminismo". Foi você, Diderot, que liderou esta magnífica iniciativa para libertar os homens da ignorância e das crenças, tornando todo o conhecimento disponível a todos. Foi você, Voltaire, que fez campanha por meio de seus escritos e ações pelas liberdades intelectuais, políticas e, sobretudo, pela tolerância. Foi você, Rousseau, quem escreveu o *Contrato Social* para construir uma sociedade onde os homens se governassem livremente. Foi em nome da Liberdade que o povo se levantou em 1789. Então, sim, a Liberdade é o princípio que deveria ter guiado nossas escolhas em 1793.

Rousseau: E esse princípio, a Liberdade, levou à recusa da morte do Rei? Deixar Luís XVI viver e com ele a ideia da monarquia?

Condorcet: Com certeza! Esse princípio levaria a deixar o Rei viver. Para condená-lo, é claro, mas deixá-lo viver, colocá-lo na prisão.

Diderot: Mas ainda assim, meu caro Condorcet, você está esquecendo a realidade! Com seus princípios, você está no mundo das ideias, no mundo abstrato, você está fora de contato, você não está no mundo real. O mundo real, o mundo concreto, enfim, o mundo prático, em 92 eram os acontecimentos, os acontecimentos políticos: a fuga do Rei, sua traição, suas intrigas com estrangeiros contra a Revolução... São os acontecimentos fortes que ditam as posições e, em 92, eles ditaram a morte do Rei!

Condorcet: O que você está dizendo é terrível, Diderot. E isso me surpreende muito em você. Afinal, qual é o princípio que cederia aos acontecimentos? Isso não seria... não seria mais um princípio.

Voltaire: Sim, Condorcet está certo. Um princípio é justamente aquilo que deve nos permitir resistir aos acontecimentos, que não depende das reviravoltas da vida política. Um princípio não é algo que descartamos ou deixamos de lado quando ele atrapalha. Pelo contrário, é

quando pode ser inconveniente que deve continuar a servir de guia para o nosso comportamento. Um princípio não é negociável.

Rousseau (*meio afastado*): Que bom que você diz isso, Voltaire!!

Condorcet: E a Liberdade não é um princípio negociável! É porque a Revolução se separou daquilo que a inspirava, é porque se separou da Liberdade que guiou os seus primeiros passos, que ela se privou de toda moral concreta e que está em vias de se perder. Sim, a Revolução está se perdendo! (*tom definitivo*)

Ato 4

Germaine de Staël: A Revolução está perdendo o seu rumo?! Este é um assunto que me interessa para o meu livro, pois eu lhes recordo que espero que nossas discussões esta noite forneçam algo para nutrir minhas reflexões sobre a Revolução! Então, Condorcet, você acha que hoje, dez anos depois, a Revolução está se perdendo? Que ela está se afastando de seu projeto inicial? Rousseau, Diderot, mesmo que vocês não concordem com Condorcet sobre o que deveria ter sido feito com Luís XVI em 1793, vocês também diriam que a Revolução, hoje, no final de 1799, está perdendo o rumo?

Diderot: Sim, eu poderia dizer, como Condorcet, que a Revolução está perdendo o rumo.

Germaine de Staël: Você poderia dizer ou... você diz?

Diderot: Bem... sim, eu digo que a Revolução está perdendo o rumo.

Germaine de Staël: E por que, na sua opinião, ela está se perdendo?

Diderot: Porque 89 é Liberdade! 89 é o ano das revoltas. Revolta da terra, do povo! Em todos os lugares, as pessoas estão se levantando. Você compreende: o povo se levanta. Ele estava de joelhos e ali ele se levanta, ele fica de pé. Ele se liberta da pobreza, dos sanguessugas do Estado, das riquezas da Igreja, dos privilégios da Nobreza. Ele decide invadir a Bastilha, ele...

Germaine de Staël: Sim, enfim, na Bastilha não havia ninguém! 6 ou 7 prisioneiros, não mais!

Diderot: Mas o número não importa, Germaine! A Bastilha é o símbolo da monarquia, da arbitrariedade; ela é o símbolo de séculos de opressão, sofrimento, humilhação do povo...

Voltaire: Posso testemunhar isso, tendo passado 11 meses na Bastilha por ter criticado o Duque de Orleans!

Diderot: Para mim foi em Vincennes! (*silêncio*)
Tomar a Bastilha, tomar a Bastilha é uma expressão que...

Voltaire: Um slogan, uma palavra de ordem...

Diderot: Sim, um slogan, se preferir, uma expressão, um sinônimo para dizer “libertar-se da opressão”, de todas as opressões. É isso que significa “Tomar a Bastilha”: LI-BER-DA-DE!

Germaine de Staël: De acordo, Liberdade! E você acha que, dez anos depois da tomada da Bastilha, a Liberdade está perdida, que foi esquecida, que ela não mais dirige as ações dos homens? Você acha que a Revolução está perdendo o rumo, como disse Condorcet, porque perdeu de vista aquilo que a fundou, porque perdeu de vista a Liberdade?

Rousseau: A Revolução não perdeu de vista a Liberdade. Ela fez muito pior: alegou salvar a liberdade através do terror! (*tom sentencioso*) A liberdade não pode ser salva pelo terror! A liberdade nunca é salva pelo terror!

Germaine de Staël: Outra frase linda que soa bem, mas me surpreende um pouco!

Voltaire: Algo que, para mim, me surpreende muito! Sim, estou muito surpreso em ouvir você dizer que a liberdade nunca é salva pelo terror, que...

Rousseau: Mas por que surpreende, por favor? Por que você está surpreso? Você pensa que eu sou quem? Para Robespierre?

Germaine de Staël: Não, claro que não! Mas ainda assim... Robespierre se referiu muito a você. O que você acabou de dizer é muito bonito: “não salvamos a liberdade pelo terror” e não duvido da sua sinceridade, mas, finalmente, é verdade que muitas vezes escrevemos ou dissemos “Robespierre Rousseuista”, não?! Não me diga que você nunca ouviu dizerem que “Robespierre é Rousseau”!

Rousseau: Sim, sim, eu sei, já li e ouvi isso muitas vezes, mas o que você quer que eu faça? É duro ser amado por políticos!

Ato 5

Germaine de Staël: O que você quer dizer?

Rousseau: Quero dizer que somos filósofos, homens que produzem ideias, intelectuais, se preferir, não somos...

Germaine de Staël: Intelectuais! Gosto da palavra "intelectual"! Vou colocar isso no meu livro! É uma palavra que vou usar novamente. Com sua permissão, é claro! Mas volto à minha pergunta: o que você quer dizer quando afirma "é difícil ser amado por políticos"? Por que é difícil para filósofos e intelectuais serem amados por políticos? Você deveria estar feliz, certo?!

Rousseau: Voltaire talvez, mas eu não!

Voltaire: Você está me procurando, Rousseau! Você está me procurando. Que direito você tem de dizer que posso ficar feliz por ser querido pelos políticos? O que faz você dizer isso? Diga-me?

(silêncio de Rousseau)

Vamos, Rousseau... me diga! O que faz você dizer isso?

Rousseau: Eu acredito... Eu acredito que você ficou satisfeito em ser reconhecido por Frederico II da Prússia como seu mentor, seu guia, seu modelo. Digo que você ficou satisfeito em ser seu hóspede por dois anos em Berlim; feliz por ter seu apartamento no castelo de Sans-Souci, feliz por ser convidado para os jantares da Corte, feliz por ter sido elevado por ele à dignidade de camarista com a ordem de mérito.

Voltaire: Feliz, eu? Feliz dessa experiência? Mas espero que você esteja brincando, meu caro Rousseau! Decepcionado, sim! Profundamente decepcionado. Humilhado até. Cheguei a Berlim em 1750, a convite de Frederico II, na verdade. Ele me admirava, dizia que eu iluminava o mundo, que "a tocha da verdade não poderia ser confiada a melhores mãos que as minhas" e, desde o início de seu reinado, em 1740, ele me incentivou a ir à sua Corte. Eu recusei.

Germaine de Staël: Você recusou porque sua boa amiga, Madame du Châtelet, não queria que você fosse!

Voltaire: Sim, é verdade! Ela desconfiava desse Frederico II, desconfiava desse rei-filósofo que, inspirado por mim, havia escrito um livro condenando políticas externas de agressão, o "Anti-Maquiavel", e que, ao chegar ao poder em 1740, havia tomado a Silésia à força.

Germaine de Staël: E, no entanto, sabendo que, quando Madame du Châtelet morreu, você acabou aceitando o convite de Frédéric e ficou lá por quase três anos, até 1753!

Voltaire: Eu não deveria ter feito isso. Olhando para trás...

Germaine de Staël: Ah! Você vê "em retrospectiva". Você diz: "Olhando para trás, eu não deveria ter feito isso." E agora mesmo, vocês quatro estavam me criticando por perguntar o que vocês achavam da morte de Luís XVI "em retrospectiva"!!

Voltaire: Bem, eu não intervi neste debate sobre o "em retrospectiva". Mas esse não é o problema! Muito rapidamente, meu relacionamento com Frédéric se deteriorou. Ele se gaba de ter grandes mentes ao seu redor. Ele gosta de se exhibir e conversar com eles durante esses jantares famosos no Palácio de Sans-Souci. Ele se diz mesmo "rei-filósofo", mas ele é acima de tudo "rei" e muito pouco "filósofo". Para ser franco, senti que tinha sido usado como uma ferramenta.

Germaine de Staël: Ouvimos dizer que Frédéric disse algo bastante desagradável sobre você. Ele teria dito sobre você: "Nós esprememos a laranja e jogamos fora a casca"! Isso é verdade? *(pausa)* Você sabia disso?

Voltaire: Sim, claro! Você pode imaginar que algumas almas boas não deixaram de me contar isso! É por isso que Rousseau está certo...
(Todos arregalam os olhos surpresos)

Voltaire: ...quando ele diz que é difícil ser amado por políticos. E você sabe o resto? Saí de Berlim com a concordância de Frederico, em 26 ou 27 de março de 1753; cheguei a Frankfurt em 31 de maio e lá, para meu espanto, seu representante mandou me prender, sob a alegação de que eu havia levado comigo um livro de poemas escritos por Sua Majestade! E eu fiquei preso por um mês! Um mês, você ouviu! Um mês de prisão para o homem que se dizia amigo do Iluminismo!

Diderot: Tive uma experiência semelhante com Catarina II da Rússia. Ela me levou para São Petersburgo, acho que foi em 1773. Nós nos víamos todos os dias. Escrevi suas memórias sobre todos os assuntos — economia, família, governo, relações diplomáticas... E então descobri que ela não acreditava em nenhuma das minhas ideias, que as achava muito radicais, idealistas. Ela até escreveu que eu era um "caçador de moscas", alguém ingênuo que acreditava que as pessoas levavam seus discursos a sério! Ela certamente tinha coisas melhores para fazer. Não durei tanto quanto você, Voltaire. Voltei para Paris depois de seis meses, no início de 1774.

Germaine de Staël: Como você explica essa atração, uma atração mútua, no entanto, entre intelectuais e políticos? Porque se Frederico II se sente atraído por você, Voltaire, você também se sente lisonjeado por ser convidado para Berlim. O mesmo vale para você, Diderot, com Catarina II. Então, na sua opinião, por que essa rejeição, por que essa desilusão, por que esse sentimento de ter sido usado?

Condorcet: Porque nós, intelectuais, produzimos ideias!

Germaine de Staël: E os políticos, não?

Condorcet: Não! Os políticos, por outro lado, não produzem ideias; eles compram ideias. Ou melhor, eles as roubam. E então eles as consomem. E quando não precisam mais delas ou quando não atendem mais aos seus interesses, eles as jogam fora, junto com os intelectuais. Foi o que aconteceu com Voltaire e Diderot. A fórmula de Frédéric que você lembrou, querida Germaine, é cínica, mas verdadeira: ele consumiu as ideias de Voltaire e depois jogou Voltaire fora quando suas ideias não lhe serviam mais!

Germaine de Staël: Você concorda com isso, Rousseau? Os políticos estão traindo os intelectuais? Eles os usam e os jogam fora assim que não precisam mais deles?

Rousseau: Sim! Bem, você está exagerando um pouco, mas é isso. Se eu tomar meu exemplo...

Voltaire: Ah! Já faz muito tempo! As confissões de Jean-Jacques! Por Rousseau!

Rousseau: Bem, sim, você terá que se acostumar, meu caro Voltaire! Eu, Rousseau, se tomo meu próprio exemplo, meus escritos foram usados por certos políticos para justificar o terror...

Germaine de Staël: É o famoso slogan que eu estava lembrando agora: “Robespierre é Rousseau na política”!

Rousseau: E eu me tornei o pai das ditaduras...

Voltaire: Isso não está errado!

Rousseau: Só que para os outros, caro Voltaire, eu sou o pai da democracia! E ambos se referem aos mesmos escritos! Mas eu já disse ou escrevi que minhas ideias implicam um regime de terror ou um regime democrático? Já disse, escrevi ou delineei os caminhos políticos a seguir para alcançar o contrato social? Sim, critiquei a submissão do povo aos poderosos deste mundo. Sim, eu escrevi que a propriedade era a raiz da desigualdade. Sim, defendi a competência dos cidadãos para decidir sobre os assuntos públicos. Mas eu já disse ou escrevi que isso envolveria a criação de um partido único, a morte de todos os proprietários e poderosos deste mundo ou estabelecimento de uma ditadura? Não!

Germaine de Staël: Mas você ainda reconhece que tem pelo menos alguma responsabilidade na eclosão da Revolução?

Rousseau: No gatilho, talvez. Juntamente com Condorcet, Diderot, Voltaire e outros. Mas não nas formas que assumiu.

Germaine de Staël: O que você quer dizer?

Rousseau: Quero dizer que, desde o início, a Revolução tomou uma forma contrária à minha concepção de política. Com licença, Voltaire, mas vou me citar novamente!

Voltaire: Eu vou ouvi-lo com sabedoria! É uma promessa!

Rousseau (*pega seu livro*): Então eu escrevi, no *Contrato Social*, que “a soberania não pode ser representada pela mesma razão que não pode ser alienada; ela consiste essencialmente na vontade geral e a vontade não se representa a si mesma”. Você ouviu corretamente: a soberania não pode ser representada. Ora, o primeiro gesto dos revolucionários de 1789 foi afirmar o princípio representativo! O poder revolucionário é baseado no princípio representativo! E você quer me culpar pelo que aconteceu depois? Você quer me fazer carregar o fardo da forma assumida pela Revolução? Responsabilizem os que adulteraram as minhas ideias!

Germaine de Staël: “Adulterou suas ideias”, você está dizendo algo forte!

Rousseau: De modo algum. Olhe para Sieyès. Ele me cita porque é bom que um político se refira a um intelectual, mas ele me faz dizer o oposto do que eu escrevi ao dizer que o povo está na representação, ao dizer que o povo está no corpo representativo. Ao dizer que a vontade geral emitida pelo corpo representativo é a vontade do povo, já que o corpo representativo é o povo. Eu escrevi exatamente o oposto! Eu escrevi o oposto! E você quer que eu seja responsável pelas interpretações que foram feitas dos meus escritos?!

Diderot: Este é um exemplo perfeito da instrumentalização de filósofos por políticos. Eles precisam de ideias para sua conquista de poder; eles as encontram conosco; eles as moem ou, se preferirem... eles as adaptam aos imperativos de sua estratégia e, no final, não é mais Rousseau, mas Rousseau corrigido por Sieyès para servir aos seus interesses!

Condorcet: O campo intelectual e o campo político são dois campos com lógicas diferentes. A lógica da política é a conquista e o exercício do poder político. Quando se valem das ideias do campo intelectual, não as tomam como são, não as transpõem mecanicamente para o campo político. Eles as tomam... Mas acrescentam algo a elas: seus interesses políticos, seus cálculos políticos; cálculos para a conquista ou exercício do poder. E essa pequena coisa muda tudo! Compreendemos o interesse de Sieyès em usar Rousseau para dizer que o povo é soberano. Mas quando ele diz que o povo está no corpo representativo, ele acrescentou aquele algo mais que serve aos seus interesses de conquista e exercício de poder. Mas isso não é mais de Rousseau!

Ato 6

Germaine de Staël: E então? Devemos ficar em silêncio? Os intelectuais devem permanecer em silêncio? O que você defende para evitar que nossas ideias e pessoas sejam usadas como ferramentas? O silêncio dos intelectuais?

Voltaire: De jeito nenhum, minha querida! Os intelectuais devem continuar a escrever, a falar, a expressar-se, a tomar posição, a agir, a...

Diderot: ...a abrir a boca!

Voltaire: Pronto, sim, continuem abrindo a boca!

Germaine de Staël: Vocês quatro não são um pouco presunçosos? Continuar a abrir a boca, como você diz, não é ficar cego ou surdo depois da dura lição prática que você acabou de receber?

Voltaire: O que você quer dizer? Que dura lição objetiva é essa que recebemos?

Rousseau: Sim, qual é essa lição objetiva?

Germaine de Staël: Você acabou de dizer que sua relação com o poder, sua relação com os políticos, o decepcionou. Você, Voltaire, com Frederico II, você, Diderot, com Catarina da Rússia, e você, Rousseau, com Robespierre e Sieyès. Então sim, essas experiências com o poder não lhe ensinaram uma lição?

Condorcet: Sua pergunta é “dura”, minha cara Germaine! Mas você não está totalmente errada.

Germaine de Staël: Ah, obrigada!

Condorcet: Eu poderia ir ainda mais longe que você!

Voltaire, Diderot e Rousseau (*ao mesmo tempo*): sim, o que você quer dizer?

Condorcet (Voltaire)? Você quer ir mais longe... (Rousseau) Mas até onde?! (Diderot)

Condorcet: Quero passar para a pergunta que incomoda Germaine de Staël: e qual é a pergunta que incomoda?

Condorcet: É difícil formular, mas eu diria algo como... tipo... "ainda é possível para nós... escrever, falar depois... depois do que aconteceu"?

Rousseau: "Depois do que aconteceu"? Mas o que aconteceu que tornaria difícil para um intelectual falar hoje?

Condorcet: Foi o Terror, Jean-Jacques! O Terror! Quantas mortes em dez anos? Quantos julgamentos falsos? Quantos massacres? Quantos corpos cortados ao meio? O que resta daqueles que carregaram e fizeram 1789? Desmoulins, Danton, Saint-Just, Barnave, Brissot, Chénier, Couthon, Robespierre, Vergniaud e tantos outros... (*silêncio*) Criticamos as torpezas, criticamos a corrupção, criticamos a censura, a arbitrariedade, a violência, a religião, as desigualdades do Antigo Regime e tínhamos razão! (*silêncio*) Descrevemos e anunciamos a cidade ideal onde reinariam a tolerância, a fraternidade, a igualdade, a liberdade, e, também aí, tínhamos razão (*silêncio*). E então, dez anos depois, no lugar da cidade ideal, um campo de ruínas! Então sim, então sim, ainda é possível falar e escrever depois disso?

(*Silêncio geral*)

Germaine de Staël: Então, não estava completamente errada em fazer a pergunta "de quem é a culpa?" no início do nosso encontro!

Diderot: Não aumente mais a carga, querida Baronesa, o fardo de Condorcet já é pesado o suficiente!

Voltaire: Pesado, mas também justo. Ou mais precisamente, salutar.

Germaine de Staël: O que você quer dizer com "salutar"?

Voltaire: Quero dizer que a experiência que acabamos de ter e que Condorcet acaba de relembrar...

Condorcet: Talvez eu tenha exagerado um pouco!

Voltaire: ... nos força à autorreflexão crítica. Com nuances, às vezes importantes entre nós, como entre Rousseau e eu, por exemplo, afirmamos que o conhecimento, o aprendizado, a razão, enfim, o que se convencionou chamar de Iluminismo, inaugurariam uma nova era baseada na liberdade e na felicidade de todos, como anunciado na Declaração de 89.

Germaine de Staël: E você não pensa mais assim? Você não pensa mais que o Iluminismo trouxe felicidade, você não pensa mais que ele trouxe liberdade? Você acha que eles trouzeram o Terror e talvez até mesmo o tenham carregado dentro deles?

Diderot: Sem ir tão longe, sem ir tão longe a ponto de fazer do Iluminismo a causa do Terror – assim como eu não faço do Iluminismo a causa da Revolução –, o que aconteceu nos desafia, como dizemos hoje. Ela nos força, intelectuais, a questionar nosso papel.

Germaine de Staël: Quais perguntas, por exemplo?

Diderot: Vejo pelo menos duas. A primeira é o que a boa imprensa chamou de “despotismo esclarecido”. Todos nós defendemos mais ou menos a ideia de que nossa presença junto ao soberano o levaria a não mais exercer um poder absoluto, um poder arbitrário, mas um poder guiado pela razão filosófica. Que o soberano, (*pausa*) guiado pelos nossos conselhos, aplicaria uma política baseada no Bem e na Justiça.

Germaine de Staël: Você sonhou em ser Platão, ou o quê!

Diderot: Não, Platão queria colocar os filósofos no poder. Nós só queríamos estar ao lado do Poder, ao lado do Soberano, para lhe dizer onde estava o Bem. E essa ideia, essa concepção do nosso papel, devemos abandoná-la. Um intelectual não deve estar ao lado do poder, mas contra o poder. Seja qual for a cor do poder. Qualquer que seja a natureza do poder.

Germaine de Staël: Você concorda com isso, Condorcet?

Condorcet: Sim, claro, não fomos feitos para ser conselheiros do Príncipe ou, como posso dizer? Intelectuais de Estado (*hesitante*). Mas devo gentilmente lembrar a Diderot que a dialética pode quebrar tijolos!

Diderot: “Quebrar tijolos”? O que você quer dizer?

Condorcet: Que ser contra o poder também pode ser bom para o poder! Que assumir um papel crítico em relação ao poder pode lhe permitir demonstrar seu liberalismo, seu espírito de tolerância. (*Pausa...*) Quem disse: “nós não prendemos, Voltaire”?

Germaine de Staël: E você, Rousseau, o que pensa?

Rousseau: Ah, essa questão não me diz respeito. Nunca pensei em mim como conselheiro do Príncipe. Muito menos como intelectual de Estado, para usar a frase de Condorcet. Sou um cidadão, um cidadão de Genebra, e escrevo para os cidadãos, para ajudá-los a construir uma sociedade de homens livres e iguais.

Voltaire: Mas é a mesma coisa!

Rousseau: O que você quer dizer com “é a mesma coisa”? Outro ataque gratuito!

Germaine de Staël: Explique-se, Voltaire! Como pode ser a mesma coisa? Em que sentido os intelectuais de Estado e os intelectuais dos cidadãos, como Rousseau parece se definir, são a mesma coisa?

Voltaire: Mas pela razão que Diderot disse: "um intelectual deve ser contra o poder, seja qual for sua cor, seja qual for sua natureza". Você ouviu direito: "seja qual for a sua natureza"! Quer o poder esteja nas mãos do rei, da nobreza, da burguesia ou do povo, ele continua sendo poder e um intelectual não pode ser subserviente ao poder. Eu entendo bem Rousseau...

Germaine de Staël: Ah! Por uma vez! Você está progredindo!

Voltaire: Espere! Não fique muito animado! Então, sim, eu entendo bem Rousseau que se coloca - ou diz que se coloca... - como um intelectual comprometido com os dominados para mostrar-lhes que são possíveis atores de uma sociedade melhor e que ele, Rousseau, está do lado deles.

Rousseau: E daí? É melhor do que fazer de tudo para ser reconhecido pelas autoridades, ter as honras da Academia e porque não do Panteão, não é mesmo Voltaire!

Voltaire: Ah! Não se preocupe, meu caro Jean-Jacques, nós dois estaremos no Panteão! E cara a cara...

Germaine de Staël: Certo, Voltaire, volte ao que você estava dizendo! Você entende Rousseau, diz você, quando se coloca...

Voltaire: ...ou diz se colocar...

Germaine de Staël: ...como um intelectual comprometido com os dominados. Mas... Por quê acho que adivinhei um "mas", certo?

Voltaire: Sim, sim, há um "mas". Obviamente há um "mas". Quando nos colocamos "ao lado" do povo, há um risco: o risco de venerar o povo, de ele se tornar objeto de culto, fonte da Verdade com V maiúsculo, o risco de não ver mais ou não querer mais ver as contradições dentro do povo, de ver apenas as tendências emancipatórias e não as autoritárias, o risco de permanecer em silêncio sobre práticas duvidosas. Esse é o risco de um intelectual engajado "ao lado" do povo.

Germaine de Staël: E você diria a mesma coisa de um intelectual engajado "ao lado" do Príncipe?

Voltaire: Mas é claro! Mesma coisa! O risco é o mesmo, quer o intelectual se coloque “ao lado” do povo, do Rei, da nobreza, da burguesia ou do Estado: o de se perder como intelectual! E se tornar um servidor a serviço do Poder. E mais uma vez, quem quer que seja o detentor!

Germaine de Staël: O que você diz sobre isso, Rousseau?

Rousseau: Digo que, como sempre, Voltaire distorce minha posição. Eu não disse "eu estou com os cidadãos"; eu disse "eu escrevo para os cidadãos".

Voltaire: E qual é a diferença?!

Rousseau: Mas é simples, Voltaire. Talvez seja demais para o seu grande espírito! Não é o povo que dita o que devo escrever. Não é o povo que me pede para escrever o que ele quer e eu que estou ao lado dele para defendê-lo. Não é o povo que diz ser ator capaz de autodeterminação. Sou EU quem diz isso! Quando escrevo o *Contrato Social*, não o escrevo para um povo específico, nem mesmo com um povo ou um lugar em mente. O que escrevi é uma utopia. Você ouviu bem, uma utopia! O *Contrato Social* não é o programa político do poder popular escrito a seu pedido, para ele e cegamente defendido por mim. O *Contrato Social*, Voltaire, é uma utopia. E não me façam dizer que eu adoro o povo, que eu venero o povo a ponto de não ver mais nada. O que escrevi no *Contrato Social*? (*ele pega seu livro*): "as pessoas sempre querem o bem de si mesmas, mas elas nem sempre veem isso."

Voltaire: E daí? O que isso significa?

Rousseau: Isso significa que, se eu realmente acredito que os cidadãos podem se autogovernar, estou e permaneço em um relacionamento potencialmente conflitante com eles, porque sei que eles podem "fazer coisas erradas". E assim permaneço livre, livre para dizer, livre para criticar o povo.

Diderot: Concordo com Jean-Jacques! Mas... não é uma posição fácil de manter. Por exemplo, estou com aqueles que criticam a influência da religião no poder, que denunciam o infame, como você diria, Voltaire, que exigem a submissão das Igrejas e quando vejo meus amigos, aqueles com quem concordo, massacrar crentes, pessoas religiosas, destruir locais de culto, o que devo fazer?

Voltaire: Denunciar, obviamente, meu velho Diderot!

Diderot: Obviamente?! Correndo o risco de favorecer os adeptos da religião? Correndo o risco de enfraquecer a luta dos meus amigos contra os infames?

Condorcet: Mas não, meu caro Diderot! É o oposto! Você incentiva seus amigos a lutar mostrando a eles que essas formas de luta não são as corretas. Que eles estão prejudicando

sua causa. E o que é mais importante, eles são uma dádiva para seus adversários, que dirão: "Veja bem, essas pessoas são todas criminosas!"

Voltaire: Sim, Condorcet, você está certo. Criticar o infame não é apoiar todas as formas de ação contra a religião. Criticar os infames como faço, pelo contrário, me dá o direito, até mesmo o dever, de criticar aqueles que distorcem essa luta. E você também, Rousseau, tem razão quando diz que quer permanecer livre para denunciar o povo quando ele toma caminhos perigosos.

Diderot: Em suma, mesmo que esteja comprometido, um intelectual deve permanecer crítico, deve...

Voltaire: Não, "mesmo que ele se comprometa", mas, especialmente se ele se comprometer!

Condorcet: Nós quatro, por exemplo, estávamos todos mais ou menos engajados em nos opor ao Antigo Regime e, de certa forma, pela Revolução. Você tem nos lembrado disso constantemente desde o início da nossa noite, querida Germaine. Bom, vamos admitir! Vamos admitir que éramos a favor do 89. Vamos até admitir que ficamos felizes em ver os privilégios abolidos, a Bastilha demolida e os direitos do homem proclamados. Deveríamos aprovar tudo o que foi feito em nome da Revolução nos últimos dez anos? Não deveríamos dizer nada para não causar desespero na Bastilha? Deveríamos deixar as críticas para os monarquistas? Não, não, não! Porque fomos a favor de 89, porque continuamos a acreditar que a afirmação dos direitos humanos continua a ser o marcador de novos tempos, temos de falar, falar para dizer o que está mal, falar para denunciar os excessos. Violências, por exemplo. Poder dizer que a violência não é outra coisa senão violência. Essa violência não diz o Justo, não diz o Verdadeiro, ela só diz violência.

Voltaire: E não é só violência! Há também os julgamentos fraudulentos, as prisões arbitrárias, a concentração de poder, o culto à personalidade... É preciso dizê-lo, sim, é preciso "abrir a boca".

Germaine de Staël: Bem, então todos vocês concordam com essa ideia um tanto complexa de que um intelectual pode ser engajado e, ao mesmo tempo, não engajado!

Condorcet: Não! Não! Não engajado e não comprometido. Completamente comprometido.

Germaine de Staël: o que significa "completamente"?

Rousseau: "Completamente", isso significa "abrir a boca" completamente contra o Antigo Regime, "abrir a boca" completamente para defender 89 e "abrir a boca" completamente para denunciar os excessos de 89.

Voltaire: Completamente, isso significa que um intelectual é incompleto quando diz uma coisa ou outra e completo quando diz ambas, quando mostra as contradições de 89. O 89 que ele apoiou e ainda apoia, em suma, para simplificar, quando ele permanece crítico. Críticas, inclusive no que se refere às ideias que ele defende.

Germaine de Staël: Resumindo, vocês não são revolucionários! Nenhum de vocês é revolucionário!

Rousseau: Exatamente! Nós não somos revolucionários... *(pausa)*
Nós somos rebeldes!

Germaine de Staël: E qual é a diferença, caro Jean-Jacques?

Rousseau: O revolucionário quer transformar radicalmente a sociedade tomando o poder político para executar seu projeto. O rebelde está em permanente insurreição contra o poder. O mesmo acontece contra o poder quando este é conquistado e exercido por revolucionários. Nosso projeto não é conquistar o poder, é refletir o poder, é denunciar em todos os lugares as desigualdades, as injustiças, o ódio, a humilhação... E isso, mesmo quando o poder está nas mãos dos revolucionários.

Voltaire: Além disso, dificilmente continuarão “revolucionários” quando tomarem o poder! Vejam: os revolucionários denunciaram as cartas de selo (*lettres de cachet*) do Antigo Regime e as prisões arbitrárias, mas agora que estão no poder praticam prisões igualmente arbitrárias, acusações sem provas, julgamentos fraudulentos e até execuções sem julgamento!!

Germaine de Staël: Vocês quatro são muito pessimistas! Dez anos depois...

Ato 7

Rousseau: Não, não, não! Pessimista, não! Pelo menos eu não. Algo extraordinário aconteceu em 1789. Algo que abalou a sociedade, algo que surpreendeu o mundo, algo que ainda o surpreende hoje. Este algo... *(suspense)* não é a Revolução...

Germaine de Staël: O que você quer dizer com “não é a Revolução”? O que é então?

Rousseau: Não, não é a Revolução! Não deveríamos esperar que tudo mudasse no dia seguinte a 14 de julho ou mesmo com a proclamação da República em setembro de 1792! Essa coisa imensa que aconteceu em 1789 é uma brecha (*tom sonhador*). Uma brecha na sociedade. Uma brecha que abre o campo de possibilidades e uma brecha que não se fecha. Todas as lutas futuras, na França ou em qualquer outro lugar, tirarão sua força, suas ideias, suas próprias

palavras dessa brecha. Nada mais será o mesmo. Então, sim, esses dez anos são um pouco decepcionantes, mas, repito, uma Revolução não muda tudo da noite para o dia.

Voltaire: E aqui está o nosso Jean-Jacques! Lírico. Passional. Sonhador!

Rousseau: É melhor que seu cinismo, meu caro Voltaire!

Germaine de Staël: Desculpe, Voltaire, mas eu gosto desse Rousseau, aquele que sonha, e não aquele que reclama. E quais são seus sonhos, Jean-Jacques, para os próximos anos?

Rousseau: De uma segunda República! De uma nova constituição!

Germaine de Staël: Por quê? Você não gosta daquela de 1795? O Diretório, no entanto, estabilizou...

Condorcet: O Diretório não estabilizou nada! Isso abriu a porta para golpes de Estado permanentes. Desde 1795, acontecem alguns todos os anos! Como é necessário renovar a cada ano uma parte dos representantes eleitos e um diretor a cada cinco, cada eleição dá lugar a golpes de força, seja dos monarquistas, seja dos jacobinos, para manter o controle das assembleias e do Diretório: em 4 de setembro de 1797, um golpe de força dos republicanos com o apoio do general Augereau enviado pelo general Bonaparte; oito meses depois, em 11 de maio de 1798, um golpe contra os jacobinos; treze meses depois, em 18 de junho de 1799, os jacobinos deram um golpe e o general Bernadotte tornou-se Ministro da Guerra. Quando será o próximo?

Germaine de Staël: Então, você concorda com Rousseau, mas também com Sieyès, que busca a boa constituição...

Diderot: Sieyès?! Um sobrevivente da Revolução. Ou melhor, "a toupeira da Revolução que nunca deixa de agir nos subterrâneos da assembleia", disse Robespierre sobre ele. E ele não estava errado. Ele desaparece em momentos de calor, como por acaso, sob o Termidor, por exemplo, e reaparece quando o perigo passa! E lá, hoje, ele está trabalhando nos bastidores para realizar seu sonho: escrever A constituição definitiva da França. E para isso ele está procurando um militar.

Germaine de Staël: Bonaparte?! Mas esse jovem general parece muito bem!

Voltaire: Exceto, minha cara Germaine, que, como disse Talleyrand, "você pode fazer qualquer coisa com baionetas, exceto sentar-se sobre elas".

Germaine de Staël: O que isso significa?

Diderot: O que significa que seu Sieyès será forçado a lidar com baionetas! Pior ainda, talvez, baionetas atacam os belos projetos constitucionais de Sieyès! E você, Baronesa, com suas ideias e suas amigas, será condenada ao exílio. Você deve sempre ter cuidado com os militares!!

Germaine de Staël: Ótimo! Vamos esquecer Sieyès! E voltemos à sua proposta, Rousseau: a segunda República. Reescrever uma constituição...

Voltaire (*levanta-se, irritado*): Ah, não! Nenhuma constituição! Nada dessas coisas prolixas que ninguém entende! E você fala de uma segunda República? E por que não, já que estamos nisso, um... um... Presidente da República; e até mesmo um presidente eleito pelo povo. Mas suas elucubrações são um absurdo, meu caro Rousseau!!

Germaine de Staël: Mas, Voltaire, uma constituição não é uma “coisa” como você diz. É o exercício da Razão no domínio político. E você, o campeão da Razão, deveria aprovar Rousseau. (*Voltaire faz uma careta*)

Voltaire: Aprovar Rousseau! Você aprova Rousseau?

Germaine de Staël: Pretendo aprovar a ideia de uma nova constituição!

Voltaire: Mas os ingleses não têm uma constituição e vivem muito bem sem uma. E talvez até melhor que nós!

Germaine de Staël: Gosto da ideia de escrever uma nova constituição dez anos depois de 1789. (*Pausa*) E se tentássemos isso agora mesmo?

Germaine de Staël: (*levanta-se, vai até a mesa, pega os livros, coloca papel e lápis, traz algumas cadeiras*) Vamos, sentem-se. Vamos representar os eleitores.

Voltaire (*levanta-se*): Sem mim, querida Germaine! Eu não jogo.

Germaine de Staël: Mas Voltaire, precisamos de você, do seu iluminismo, das suas ideias para colocar a tolerância na constituição, para...

Voltaire: Querida Germaine, é muito gentil da sua parte, mas eu não estou fazendo o papel de constituinte. E também estou velho demais! Com sua permissão, retirar-me-ei e retornarei a Ferney.

(*Voltaire faz um sinal para todos, um tapinha amigável no ombro de Rousseau e sai, acompanhado por Madame de Staël, que retorna alguns momentos depois e se junta a Rousseau, Condorcet e Diderot, que tomaram seus lugares ao redor da mesa.*)

Germaine de Staël: Meus amigos! Meus bons amigos! Trabalharemos para o bem do povo. Para o bem do povo. Faremos uma constituição que todos os povos do mundo tomarão como modelo. Faremos uma constituição para a humanidade. Vamos...

Condorcet: Sabe, minha cara Germaine, eu estava no mesmo estado de espírito que você esta noite quando participei da elaboração da Constituição de 1793. Eu estava convencido de que estava elaborando a melhor constituição, a...

Diderot: Mas foi a melhor, meu caro Condorcet!

Condorcet: Talvez, mas não foi aplicada. O Terror levou tudo embora.

Germaine de Staël: Mas estamos em 1799! Em dez anos, vivemos de tudo: a tentativa de uma monarquia constitucional, como queria meu pai; a tentativa de uma República; a tentativa de poder popular das seções; a tentativa do regime de assembleia. Após dez anos de turbulência política, deveríamos ser capazes de dar ao país uma constituição democrática.

Condorcet, o que você acha? Você elaborou uma constituição em 93! E você, Rousseau, escreveu uma constituição para a Córsega! O que fazer agora?

Rousseau: Primeiro precisamos redescobrir o espírito de 1789. Dissemos antes que ele havia sido perdido. Ele deve ser encontrado e traduzido na constituição.

Germaine de Staël: E como você definiria esse espírito de 89?

Rousseau: Reconhecer o povo como soberano...

Germaine de Staël: Sim! Muito bem!

Rousseau: Portanto, todos os cidadãos devem participar diretamente na elaboração da vontade geral, na elaboração da lei.

Germaine de Staël: E os cidadãos, querido Jean-Jacques!! Não se esqueçam dos cidadãos!!

Rousseau: Para as mulheres...

(A cortina começa a cair)

Germaine de Staël: Ah, não! Agora não! Não agora que finalmente está ficando interessante! Excitante!

(A cortina sobe)

Condorcet: Você tem razão, minha cara Germaine, as mulheres devem ser reconhecidas como cidadãs. Em 1790, publiquei também um pequeno texto “Sobre a admissão das mulheres ao direito de cidadania”. Não fui ouvido! E ainda assim tínhamos apenas uma palavra em nossos lábios: Igualdade! Igualdade! Igualdade! Mas nos recusamos a reconhecer a igualdade entre homens e mulheres em nome de uma suposta desigualdade de natureza entre os sexos! Ridículo! Então sim, Rousseau, se quisermos retornar ao espírito de 89, devemos reconhecer o direito dos cidadãos de participar da criação da vontade geral.

Diderot: Se eu traduzir, poderia ser algo como: “Artigo 1. A iniciativa das leis pertence aos cidadãos... e às cidadãs”.

Germaine de Staël: Sim, muito bom, muito bom!

Condorcet: Muito bom, muito bom?! Resta uma pergunta: se o povo é soberano, se é ele quem define a vontade geral, se é ele quem faz as leis, isso significa que não haverá controle sobre as leis adotadas pelo povo?

Rousseau: E por quê você quer que haja controle sobre as leis adotadas pelo povo?! O povo só pode querer leis que sejam boas para ele! Retome o *Contrato Social!* (*Rousseau vai buscar o livro e lê*) “A vontade geral está sempre certa e sempre tende à utilidade pública.” Então, por quê deveríamos controlar as pessoas?

Condorcet: Ora, meu caro Jean-Jacques, pela razão que você mesmo diz em seu livro: (*Condorcet toma o livro das mãos de Rousseau e lê*) “As deliberações do povo nem sempre têm a mesma retidão; ele é frequentemente enganado e é aí que pode querer fazer o mal.” Você escreveu isso, Jean-Jacques. A vontade geral pode errar. As pessoas podem querer o mal.

Germaine de Staël: Então, como podemos conciliar a ideia de que o povo é soberano e a ideia de possível controle sobre as decisões que toma? O que você propõe? Rousseau? Condorcet? O que você propõe?

Diderot: Talvez eu tenha uma ideia!

(*E a cortina cai... definitivamente...*)

FIM

Submetido: 21/11/2024

Aceito: 09/12/2024